

Fonte O Globo Class.: 351

Data 22 de maio de 1988 Pg.: \_\_\_\_\_

### Da aldeia à civilização, o desencanto

#### *Índios que vão para Brasília se frustram com as mazelas dos brancos*

BRASÍLIA — Renegar a identidade étnica, se assustar com as diferenças sociais e cultivar um temor do sexo, devido ao risco de contrair doença venérea, são algumas das inquietações da pequena comunidade de quase 20 índios que, em busca de novos conhecimentos, deixaram suas aldeias para viver em Brasília.

Os seletos membros desta comunidade — que abriga um piloto que negou sua origem, um ex-deputado que sobrevive graças ao serviço público e um enfermeiro que deixou mulher e filhos na tribo para aperfeiçoar seus conhecimentos na profissão — são uma espécie de afortunados. Geralmente são indicados pelos líderes das aldeias e destacados para servirem entre os brancos, numa espécie de frente avançada para contatos com a vida urbana, cujo objetivo é assimilar os conhecimentos da civilização ou servir de apoio para os índios que eventualmente se desloquem para as cidades, em busca de tratamento médico ou recursos para suas tribos.

— O índio geralmente é muito desconfiado e o apoio de outro índio é fundamental para que possa encaminhar seus pedidos. Quem está na cidade não dispõe de poder e acaba gerando frustrações — afirma Marcos Terena, de 33 anos, piloto de avião na Fundação Nacional do Índio (Funai), com CZ\$ 80 mil mensais.

Sempre solicitado para debates sobre a questão indígena, Terena encarna boa parte dos problemas enfrentados pelos índios que se dispõem a sair das aldeias.

Com 8 anos, ele deixou a aldeia Terena, no Mato Grosso do Sul, e a primeira coisa que descobriu foi a existência de pobres e ricos, o que o assustou. Depois, não conseguia definir se era branco ou índio. Num jogo de futebol, no qual mar-

cou o único gol, Terena foi ovacionado e identificado pela torcida como "o japonês", apelido que manteve por algum tempo.

Dezenas de índios desejam trilhar o mesmo caminho de Terena, mas os pais são muitos rigorosos e, por temerem que os filhos sejam seduzidos pelos vícios dos brancos — principalmente o alcoolismo e a prostituição —, não permitem que deixem as aldeias.

O jogo de interesses dos brancos também se fez presente na relação entre os índios. O ex-Deputado federal Mário Juruna (PDT-RJ) — hoje ocupando a modesta posição de servidor público no Projeto Rondon — não senta à mesma mesa com Terena por achar que o piloto foi cooptado por Romero Jucá, Presidente da Funai. Aspirante ao cargo, Juruna considera inimigo todos os que se negam a defender seu nome para a direção da Funai.

Sem apoio, Juruna reclama de não ter dinheiro suficiente para pagar a um professor particular para dar aula de português aos sete filhos xavantes que trouxe da aldeia Namacurá, no Mato Grosso.

Sem acreditar nos políticos, continua circulando pelos corredores da Câmara dos Deputados e pretende se candidatar a Deputado pelo Distrito Federal. Sua luta em defesa dos índios se resume a constantes ataques à atual administração da Funai.

Lino Xavante, de 25 anos, não vê a hora de voltar à sua comunidade. Ao contrário de Terena, que mora no Plano-Piloto de Brasília, Lino sobrevive com os CZ\$ 28 mil que recebe da Funai, onde trabalha como enfermeiro.

Com este dinheiro, paga o aluguel de um quarto, na cidade satélite do Gama, e CZ\$ 7 mil mensais à Escola Paramédica, onde aperfeiçoa conhecimentos de enfermagem. Longe da mulher e dos dois filhos, na aldeia, Lino pretende fazer curso superior e voltar para sua tribo, onde pretende aplicar os ensinamentos que obteve na cidade.

